

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural
1995



CORA

Já faz dez anos...

“Não, não quero dizer mais nada”

vi o primeiro livro publicado.

■ **Esse livro – Poemas dos Becos de Goiás – saiu primeiramente pela Editora José Olympio, não é?**

– Sim, e eu lembro que o Oswaldino Marques, sem me conhecer, escreveu um belo artigo sobre o livro, porque Goiânia recebeu o livro como um impacto. Sem compreender o livro. A crônica de Oswaldino Marques a meu respeito deixou-me bastante satisfeita, porque ele não me conhecia. Hoje em dia é muito comum um escritor pedir prefácio ou crítica para o seu livro.

Foi, então, uma grande satisfação poder ter publicado esse primeiro livro.

Como eu já disse, nunca escrevi só para mim. Sempre fui uma pessoa de comunicação. Vivia cercada pela dúvida a respeito do valor daquilo que eu estava escrevendo, mas afinal o impulso maior foi para publicar. Esse primeiro livro saiu pela José Olympio sem eu esperar, os originais estavam na Editora Nacional.

■ **A senhora hoje está com quantos anos?**

– Uma porção. Por que perguntas quantos anos tenho, se mostro nos meus cabelos brancos e na minha sofrida face a minha venerada idade?

Pergunta assim: Cora Coralina, como te sentes na tua maioridade?

E eu contarei uma estória muito mais interessante do que a conta certa dos meus anos.

Cheguei a escrever isso. É a constante em Goiás, 99% das pessoas que vão me visitar fazem essa pergunta. Eu não dou o gosto de dizer, senão acabariam me perguntando o dia, o mês e o signo. Respondo como estou dizendo; não pinto os cabelos, não faço maquiagem e nem ando desnudada como as jovens. A minha idade está na cara. Eu me sinto como uma criatura ainda em plena maturidade, uma criatura que não entrou ainda no pardo da sensibilidade. Ainda tenho controle dos meus pensamentos, ainda tenho uma mente criadora, ainda sou uma mulher que realiza, que trabalha e que produz. Não sou uma criatura de consumo, sou uma criatura de produção e isso me faz forte.

■ **O que representa a poesia para a senhora?**

– Para mim é uma necessidade interior de expressão, de recriação.

■ **O seu segundo título chama-se Livro de Cordel. Ele é trabalhado nos moldes da literatura de cordel?**

– Não. Então, eu digo: “Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de cordel, que este livro assim o seja, assim o quero, numa profunda e obstinada identificação com os meus irmãos, menestréis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do Nordeste rude, de onde um dia veio o meu pai”.

Eu tenho livros de estórias e um deles chama-se *Estórias da Casa Velha da Ponte*. Não publico por falta de editora e de dinheiro.

■ **A senhora sempre fala de Goiás com uma certa mágoa? Por quê?**

– O único estímulo que tenho lá, parte de mim. Ou você acha que a mocidade me estimula em alguma coisa? A frieza, a indiferença das pessoas, a falta de um jornal, de uma estação de rádio que havia mas foi fechada, não existe mais aquela cidade. Na minha mocidade, havia um grupo muito interessante e esse grupo sustentou a tocha olímpica da literatura goiana. Como hoje eu digo, eu sou a portadora autêntica da tocha da literatura goiana.

■ **Como a senhora sobrevive, hoje?**

– Através dos doces que faço. Por força da necessidade, tornei-me doceira. Gosto dos doces que faço, sou uma mulher operária e meus doces valem mais que um livro de poemas, vendidos a trinta cruzeiros. Olhe a diferença dos preços.

■ **As pessoas do sertão, as mulheres, as crianças têm alguma influência na sua vida?**

– Os velhos da minha família me deixaram uma marca profunda. O convívio com o homem do campo,

com o homem da cidade, o ignorante,

aprendi muito com eles. Não imponho a ninguém assuntos literários,

nem a estranhos nem a pessoas da minha família. Sempre me achei muito mais sozinha do

que acompanhada. No passado, uma moça que gostasse de ler e escrever era tida

como uma moça romântica. Se uma moça se desse à literatura e esquecesse as obrigações

da casa estaria arrasada. A moça tinha que ser prestimosa, uma palavra

que ainda hoje soa nos meus ouvidos.

dos.

■ **Já teve oportunidade de conhecer Brasília?**

– Já fui quatro vezes. É uma cidade da minha admiração, ligada à pessoa de Juscelino Kubitschek. É uma cidade para orgulho de todo brasileiro, principalmente do jeito que foi feita, por um homem que tinha tudo contra ele. O Rio de Janeiro em peso era contra a construção de Brasília. O Brasil não tinha recursos para fazer uma capital nova, mas quando a pessoa vem determinada para certos destinos, ela rompe todas as dificuldades e vai em frente. Os grandes realizadores nunca foram milionários, porque o milionário fica emparedado dentro dos seus haveres e obsecado apenas pelos números. E Juscelino teve tudo contra ele e no fim apenas no fim, ainda teve uma morte maravilhosa: foi despedaçado na frente de uma jamanta. É como se o destino quisesse com isso que cada pedaço do corpo dele fosse atirado em cada Estado do Brasil, a quem ele serviu e ajudou. Sinto-me feliz, tranquila, apaziguada e o desejo de publicar meus livros. Os que publiquei foram as duras penas, cheguei a vender uma casinha que tinha no interior.

■ **A senhora não quer dizer mais nada?**

– Não, não quero dizer mais nada.

